

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4



Atena
Editora
Ano 2023

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4



Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Jadilson Marinho da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
L755	Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais 4 / Organizador Jadilson Marinho da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0889-5 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.895231602 1. Linguística. 2. Artes. I. Silva, Jadilson Marinho da (Organizador). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

No capítulo 1, Vítor Hugo da Silva investiga a linguagem dos missivistas e o seu trabalho de construção do gênero literário também será realizado por meio da análise da linguagem que oscila de cerimoniosa a íntima, pela percepção da construção da amizade entre os dois escritores. Para isso, o autor analisa a linguagem das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, no período de 1922 a 1944, num total de 420 missivas, publicadas no livro *Correspondência* por Marcos Antônio de Moraes em 2000. Pretende-se investigá-las como texto literário e, por meio dessa discussão, problematizar como a prática confessional domina esse gênero textual, mesmo nos momentos em que a ação crítica é predominante.

No capítulo 2, Alessandra Fonseca aborda o tema “OS CRIVOS SIMBÓLICOS ROSEANOS: Um estudo sobre as relações entre palavras e imagens em *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa”. A autora faz leituras intersemióticas dos contos rosianos “Sorôco, sua mãe, sua filha”, “Um moço muito branco”, “Substância” e suas respectivas ilustrações realizadas por Luís Jardim para o livro *Primeiras estórias*.

No capítulo 3, Clarice da Silva Costa analisa o texto dramático **Tarsila**, de Maria Adelaide Amaral, apoiando-se no conjunto teórico de Mikhail Bakhtin. Essa peça além de apresentar o relacionamento amoroso entre Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, mostra a amizade desses com Anita Malfatti e Mário de Andrade

No capítulo 4, Elza Carolina Beckman Pieper discute sobre os aspectos da política intervencionista norte-americana. Com base em autores como Frédéric Gros, Michel Foucault e Tzvetan Todorov, de modo particular, pela mobilização de conceitos como “poder”, “saber”, “território” e “verdade”. A pesquisadora pretende mostrar como os Estados Unidos da América tratam as outras nações, hierarquizando valorativamente os lugares de tal modo que separa os territórios entre civilizados e bárbaros, cabendo a solução para os problemas de violência ao sujeito exógeno.

No capítulo 5, Marcos da Silva Sales e André Luiz Gomes discutem e analisam a primeira cena da peça teatral *A Fábrica* (2005) do dramaturgo Romero Nepomuceno, considerando nesse percurso as ligações existentes entre os elementos sociológicos das personagens e suas implicações na concepção de um imaginário social proposto pelo escritor.

No capítulo 6, Silvana Alves Cardoso aborda sobre o ato enunciativo, de perspectiva bakhtiniana, contido na enunciação do tradutor/intérprete durante o processo de tradução/interpretação do Português para a Libras, e tem como objetivo analisar os sentidos dos enunciados produzidos por esse profissional.








No capítulo 7, Layane Ferreira Dules, Jenaice Israel Ferro e Bruna

Izabela Ribeiro Alves dos Santos investigam a relação que os acontecimentos históricos têm na contribuição nas aulas de literatura. Além disso, apresentam seus desdobramentos no contexto atual e a necessidade de construção de uma leitura crítica sobre o tema, buscando instrumentalizar o processo de reflexão cultural dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

No capítulo 8, Sabrina Batista Justiniano, Clodoaldo Rodrigues Vieira, Irlane Silva De Souza, Regiane Magalhães Rêgo e Rodolfo De Lyra Ferreira analisam os desafios e percepções que permeiam o ensino e aprendizado do componente curricular Língua Inglesa. Para tanto, investigam os entraves dos professores e projeções dos alunos em relação ao ensino e aprendizado de Inglês no contexto de uma escola estadual do interior do Amazonas.

No capítulo 9, Lígia Chaves Ramos dos Santos, Lindsei Chaves Ramos e Janaína dos Santos Miranda observam que o pensador Paul Ricoeur, destaca a necessidade em se colocar à prova proposições e conceitos abordados em disciplinas de historiografia e de narrativa de ficção.

Jadilson Marinho da Silva

CAPÍTULO 1	1
AS MISSIVAS DE MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA: INTIMIDADE E ESTÉTICA DA LINGUAGEM	
Vitor Hugo da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316021	
CAPÍTULO 2	12
OS CRIVOS SIMBÓLICOS ROSEANOS: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE PALAVRAS E IMAGENS EM <i>PRIMEIRAS ESTÓRIAS</i> , DE JOÃO GUIMARÃES ROSA NO JARDIM DE ROSA, O SERPENTEAR DE IMAGENS E PALAVRAS	
Alessandra Fonseca	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316022	
CAPÍTULO 3	53
TARSILA E O MELODRAMA	
Clarice da Silva Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316023	
CAPÍTULO 4	64
EFEITOS DE VERDADE NA JUSTIFICATIVA NORTE-AMERICANA DAS GUERRAS ÀS DROGAS E AO TERROR	
Elza Carolina Beckman Pieper	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316024	
CAPÍTULO 5	70
A <i>FÁBRICA</i> DE ROMERO NEPOMUCENO, UM OLHAR SOBRE O BRASIL CONTEMPORÂNEO	
Marcos da Silva Sales	
André Luiz Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316025	
CAPÍTULO 6	86
CONSIDERAÇÕES ENUNCIATIVAS ACERDA DO PROCESSO TRADUTÓRIO/ INTERPRETATÓRIO	
Silvana Alves Cardoso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316026	
CAPÍTULO 7	100
OS FATORES HISTÓRICOS NAS AULAS DE LITERATURA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CULTURA DO SUJEITO DA EJA	
Layane Ferreira Dules	
Jenaice Israel Ferro	
Bruna Izabela Ribeiro Alves dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316027	

CAPÍTULO 8 112

ENSINO E APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA: DESAFIOS E PERCEPÇÕES
NA ESCOLA ESTADUAL CORONEL FIÚZA, EM CAREIRO DA VÁRZEA-AM


Sabrina Batista Justiniano

Clodoaldo Rodrigues Vieira

Irlane Silva De Souza

Regiane Magalhães Rêgo

Rodolfo de Lyra Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316028>


CAPÍTULO 9 125

RICOEUR E O TEMPO: AS RESPOSTAS QUE FOMENTAM NOVAS AFORIAS

Lígia Chaves Ramos dos Santos

Lindsei Chaves Ramos

Janaína dos Santos Miranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8952316029>

SOBRE O ORGANIZADOR 129**ÍNDICE REMISSIVO 130**

AS MISSIVAS DE MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA: INTIMIDADE E ESTÉTICA DA LINGUAGEM

Data de aceite: 01/02/2023

Vítor Hugo da Silva

Belo Horizonte- MG

<http://lattes.cnpq.br/1689127387758633>

RESUMO: A idealização deste trabalho surgiu do desejo em aprofundar o conhecimento sobre a correspondência das cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Neste capítulo, pretende-se discutir os aspectos da estética da linguagem. Pleiteia-se investigar a língua(gem) utilizada por Mário de Andrade e Manuel Bandeira e demonstrar como ela se apresentava. Bastante despojada, repleta de brasileirismos, desprovida das formalidades impostas ao convívio social. Em se tratando do diálogo das cartas dar-se-á continuidade ao livro **Correspondência** de Marcos Antônio de Moraes que se distingue nas cartas que algumas são íntimas, outras teóricas, outras experimentais do ponto de vista linguístico. Entretanto passa-se a estudar a partir desse momento, prioritariamente, a intimidade dos dois missivistas, um autor de *O Turista Aprendiz* e o outro físico que escreve *Cinza das Horas*, através do gênero epistolar. A gênese das cartas entre os amigos

converte-se numa fonte prerrogativa para a observação das diversas formas de amizade. Ao permitir marcas de relações mútuas de quem se diz e de quem se espera uma resposta conduzindo assim um afetuoso elo de amizade: a intimidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Estética da linguagem, Correspondência.

ABSTRACT: The idealization of this work arose from the desire to deepen the knowledge about the correspondence of the letters of Mário de Andrade and Manuel Bandeira. In this chapter, we intend to discuss aspects of the aesthetics of language. It is sought to investigate the language(gem) used by Mário de Andrade and Manuel Bandeira and demonstrate how it was presented. Quite unpretentious, full of Brazilianism, devoid of the formalities imposed on social life. In the case of the dialogue of the letters, the book *Correspondência* by Marcos Antônio de Moraes will be continued. However, from that moment onwards, the intimacy of the two letter writers is primarily studied, one author of *O Turista Aprendiz* and the other a consumptive who writes *Cinza das Horas*, through the epistolary genre. The genesis

of letters between friends becomes a prerogative source for the observation of the different forms of friendship. By allowing marks of mutual relations of those who are told and who are expected to respond, thus leading to an affectionate bond of friendship: intimacy.

KEYWORDS: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Aesthetics of language, Correspondence.

INTRODUÇÃO

A investigação que ora se propõe centra-se no estudo da linguagem das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, no período de 1922 a 1944, num total de 420 missivas, publicadas no livro **Correspondência** por Marcos Antônio de Moraes em 2000. Pretende-se investigá-las como texto literário e, por meio dessa discussão, problematizar como a prática confessional domina esse gênero textual, mesmo nos momentos em que a ação crítica é predominante. Pretende-se estudar a linguagem dos missivistas e o seu trabalho de construção do gênero literário também será realizado por meio da análise da linguagem que oscila de cerimoniosa a íntima, pela percepção da construção da amizade entre os dois escritores. Para tanto será preciso identificar como saíram de um tratamento distante para um tratamento próximo.

Assim, será possível perceber, por exemplo, o avanço da amizade marcado pela alteração de tom nas cartas. Em carta de junho de 1923, Mário afirma:

Pretendo, se Deus quiser, escrever um poema "Paulicéia reconquistada". E o homem abandonando o myself, glorioso dentro de sua humanidade. Como vê longe de Whitman. Talvez saia o contrário do que digo. Que linda esta curiosidade do poeta que não sabe o que vai fazer! **Que viagens as nossas, meu Manuel! Sou o homem mais feliz do mundo... com tua amizade e um desolado abraço longo.** (ANDRADE in MORAES, 2000,95-96. Grifos nossos).

Observa-se dentre as revelações feitas nesta carta escrita em 7 de junho de 1923 a declaração de amizade entre os missivistas. Revela-se por várias vezes nas cartas dos epistológrafos.

Ressalta-se, no entanto que as cartas formais se transformaram em missivas íntimas e passam a apresentar confiança e afetos:

Agorinha dei mais uma lição de Estética, ponto. Da música expliquei a natureza da compreensão musical, como se manifesta, onde se dá. Depois esses quatro capítulos iniciais da minha estética irão pra você. Me parece que estão bem interessantes. Engraçado: comecei muito direitinho, honesto, citando gente, não fazendo nada por mim, porém aos poucos fui largando os autores e afinal este último ponto saiu de mim. Chego às mesmas conclusões que outros, mas só por mim. E me parece que nas minhas lições há certas vistas novas ou pelo menos renovadas que lhes dão certo caráter curioso, você verá. Por que você não escreve mais? Faz tempo que não recebo carta sua! Eu além das ocupações andei escrevendo cartas para Renato e pro Ronald pra ver se arranjava um pouco o caso da Estética. Você compreende: às vezes eu conversava sobre o Ronald aquilo ficava me lembrando. Agora não, porque falei francamente pra ele tudo o que eu pensava. Disse que ele era vaidoso, disse que se tinha ressentido de mim por causa da minha carta,

ainda não me respondeu mais. (ANDRADE In MORAES, 2000, p. 205).

Como se vê, Mário de Andrade, em meio a informações profissionais, queixa do amigo não se corresponder com ele durante algum tempo e que sente falta das trocas das missivas.

O que desperta interesse quando se lê as cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira é exatamente como vem surgindo a intimidade entre os dois, originada de um contato feito por escrito, por cartas que tratavam de diversos assuntos, desde curiosidades banais, até críticas voltadas para a diversidade da literatura moderna (teatro, revista, jornais e etc.). Os dois escritores fazem uso de uma linguagem bem despojada, coloquial, com termos chulos e vulgares sem nenhum preconceito linguístico ou moral. O tempo os conduziu à intimidade. Como na carta que se segue:

Marioscumque, boa tarde. Oh! Como se fez ao Osório na academia. O Osório é um pobre diabo. E o Graça... afinal de contas, bem afinal de contas... é também um pobre diabo. [...] Aprenderás o encanto da “Canoinha nova”, cujo ritmo só mesmo de boca. Ouvi o Autuori. Violinista extraordinário. Souza Lima desistiu do 1º **ORAMERDA!** “É preciso esperar **cem anos!**” PS. Fui eu que escrevi a toada. (BANDEIRA in MORAES, 2000, p.152-153).

Manuel Bandeira revoltado diante dos fatos escreve em negrito e em Maiúsculo a palavra “**ORAMERDA**” e grafa a palavra ‘anos’ com **U**, de modo a transformá-la em **anus**, o que registra certa indignação diante dos escritores que se mostram desentendidos ou que não têm conhecimento em relação a algo fazendo disso uma forma de desdém.

Manuel Bandeira então fica nervoso por Graça Aranha se colocar a frente de todos os modernistas deixando entender que foi ele o “único” quem introduziu o modernismo no Brasil. Muito disso envolve, evidentemente, a vaidade e que cada um tem a sua principalmente quando se refere ao meio intelectual.

ESTÉTICA DA LINGUAGEM

Outro elemento que se pode perceber nas cartas é, da parte de Mário, um esforço para registrar seus estudos linguísticos, e sua política de abasileiramento da língua portuguesa, e seu interesse na estruturação e na flexibilização do uso dessa língua como forma de manifestação modernista.

Assim, as cartas se tornavam espaço de empreendimento linguístico pela criatividade (palavras que eles inventavam, escritas mais despojadas, palavrões) e por suas tentativas de construir nova ortografia e nova sintaxe.

Pressupõe-se que Mário de Andrade, ao escrever abasileiradamente, buscava obedecer, efetivamente, à fala brasileira. Assim, o registro da língua falada no Brasil, de certo modo, traduz uma ousadia da expressão literária modernista (PIMENTEL, 1990).

Apesar de insistir no escrever e no falar brasileiro, e defender esta posição em suas cartas, Mário de Andrade não demonstrava a intenção de transformar o seu modo

brasileiro de escrever no “brasileiro do amanhã”. (ANDRADE, apud PIMENTEL, 2000, p.182). Acredita-se ter a intenção de escrever os seus trabalhos para aproximá-los do público leitor. Uma forma de escrever para que todos pudessem interagir de forma clara.

Outro elemento que se pode perceber nas cartas é sua natureza reflexiva e crítica. Com o decorrer do tempo, passaram a trazer críticas claras e, com isso, bastante construtivas e reflexivas sobre o movimento modernista demonstrando o amadurecimento dos autores, como na carta de Manuel Bandeira, datada de 06 de janeiro de 1923:

Caro Mário. Gostei muito do trecho XLIII do ‘Losango cáqui’. Esses seus poemas, que você chama de estudos, ensaios de expressão, agradam-me integralmente, impressão de ser integralmente você, um sujeito em quem a emoção poética se debate no círculo de ferro de inteligência perpetuamente insatisfeita. Pode ser que você ainda não tenha achado o que procura. Mas achou alguma coisa já do seu eu inconfundível. Você é um poeta e um homem inteligente. O poeta pode passar despercebido a quem não saiba o que é realmente poesia, mas o homem inteligente, a vespa de klaxon, não. (BANDEIRA in MORAES, 2000, p.81-82).

O conteúdo dessa correspondência retrata não apenas as expectativas, as emoções, a amizade e o sentimento dos missivistas, mas todo um período de efervescência literária no qual os autores, ao romperem com o estilo clássico, saem em busca do novo, do improvável, o que vai nortear a produção literária de ambos.

Para desenvolver esses estudos, apropriar-se-á do que afirma Philippe Lejeune (2008) em *O Pacto autobiográfico de Rousseau à Internet*. Nele, o autor apresenta um estudo detalhado sobre as escritas do eu. Também serão usados os textos de Eneida Maria de Souza, Adelaine Laguardia em *Figurações do Íntimo (2013)*, de onde se apropria da noção de íntimo. Outra obra que poderá contribuir com o trabalho é o estudo *Prezado Senhor e Prezada senhora* de Walnice Nogueira Galvão e Nádia Batella Gotlib (2000).

Alguns estudos de Foucault também poderão contribuir com essas análises. As reflexões do filósofo sobre *A Escrita de si* deixam claro que o próprio autor é que constrói dentro de si as coisas lidas e vividas constituindo assim a sua identidade. O autor diz que em relação à correspondência, o missivista se faz presente diante daquele a quem a dirige não somente em relação a objetos, coisas, sucessos e fracassos, mas uma presença instantânea e quase que física. Ainda para Foucault, a carta é o olhar que se atribui sobre o destinatário como também uma forma de se ofertar ao seu olhar sobre aquilo que é dito sobre si mesmo.

Por fim, como um dos aspectos que pretende-se desenvolver nesta pesquisa é o estudo da linguagem dos escritores na carta, torna-se importante recorrer à *Gramatiquinha de Mário de Andrade*, de Edith Pimentel Pinto (1990) e às cartas, nas quais os escritores tratam da língua literária brasileira.

Com essas e outras referências e baseados no livro organizado por Marcos Antônio de Moraes, procurar-se-á alcançar o objetivo geral da pesquisa, qual seja o de analisar as

cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, no período de 1922 a 1944 de modo a detalhar as seguintes dimensões presentes nelas: o gênero literário confessional que traduz a amizade e a intimidade da experiência vivida por Mário de Andrade e Manuel Bandeira; a crítica literária e os posicionamentos teóricos e estéticos apresentados pelos dois escritores; a estética da linguagem dos missivistas e o debate sobre o abasileiramento da língua portuguesa como recurso estético e criativo dos modernistas e sua expressão nos textos íntimos e confessionais, como as cartas.

Para organizar as reflexões acerca de todos os elementos que aparecem nas cartas aqui em estudo, pretende-se organizar o trabalho em três aspectos. O primeiro, o que se procura é abordar a epistolografia como escrita da memória, e passar pela discussão teórica sobre as cartas como texto autobiográfico.

No segundo, pretende-se trabalhar especificamente a presença da gênese epistolográfica apoiada na amizade, na confiança e na intimidade dos missivistas Mário de Andrade e Manuel Bandeira através das cartas e demonstrar como a intimidade vai se tornando cada vez maior entre os missivistas, isso verificado pela linguagem e pelo tratamento estabelecido entre eles.

No terceiro, pretende-se discutir os aspectos da estética da linguagem. Planeja-se esmiuçar a língua(gem) utilizada por Mário de Andrade e Manuel Bandeira e demonstrar como ela era bastante despojada, repleta de brasileirismos, desprovida das formalidades impostas ao convívio social e, com isso, discutir o aspecto estético e político dessa iniciativa, principalmente da parte de Mário de Andrade. Procurar-se-á, também, demonstrar as diferentes opiniões dos poetas sobre a língua literária brasileira.

A AMIZADE

As cartas entre esses dois autores se apresentam como escrita autobiográfica, que nelas há o registro do desenvolvimento da amizade, manifesto na linguagem cada vez mais íntima, e que, nelas há um trabalho de linguagem que vai além da escrita informal, o que significa dizer que a informalidade neste caso é criação estética.

As páginas que se seguem surgem do instigante trabalho das cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira e se configura como um exercício de leitura e simultaneamente como busca de uma interpretação inovadora. As análises interpretativas da literatura epistolográfica são incontáveis e escrever algo novo é uma tarefa deveras complicada.

Trata-se das cartas como escrita da memória. Pretende-se refletir sobre a natureza confessional das cartas, de um modo geral e, em particular daquelas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira como produção autobiográfica. Os escritores, neste caso, se dedicam à escrita confidencial e privada, um exercício da escrita de si.

Toma-se neste trabalho as cartas como escrita confessional e também como memória e autobiografia. Entende-se que a correspondência é memória e autobiografia por

retrataram as intimidades próprias e alheias, e por apresentarem revelações e busca de reminiscência que favorece a construção da identidade individual e coletiva.

Gostaria de estabelecer *a priori* o significado da palavra correspondência para que se possa entender melhor como o termo é compreendido neste trabalho. Feito isso, dedicar-se-á a dizer o que seria um texto confessional.

Em seu sentido primeiro, o termo *correspondência* traduz e se apresenta como uma reciprocidade, ou seja, troca, e neste caso troca de cartas ou mensagens. (AULETE, 2011 AURÉLIO, 2009 HOUAISS, 2002). Vasconcellos assim apresenta alguns conceitos sobre correspondência ou Cartas:

As cartas têm o caráter íntimo e/ou confidencial. Logo, as informações ali registradas fazem parte do espaço privado, inviolável. Em sua essência, ela é um gesto privado, inviolável. Em sua essência, ela é um gesto privado, não coletivo, que envolve a pessoa que escreve, o autor ou signatário, a pessoa a quem é dirigida, o destinatário e muitas vezes uma terceira pessoa da qual se fala. **A carta é a conversação com alguém que está ausente, na qual colocamos o que diríamos se estivéssemos presentes mudando** de acordo com a época, espera-se que traga novidade do cotidiano, da vida política e pessoal, reflexões, confidências e expressões de sentimentos. (Vasconcellos, 1998. Grifo nosso).

[...] A correspondência permaneceu durante muito tempo sepultada nos arquivos públicos ou privados, só recentemente é que passou a ter o valor como documento de maior importância. Os pesquisadores têm-se conscientizado de que podem encontrar nelas dados relevantes: ela funciona como testemunho vivo de uma época, pode documentar uma história pessoal, registrar situações, ações e reflexões. Nela há um status peculiar entre o autor (signatário) e o leitor (destinatário), tendo muitas vezes valor de crônica. No nosso caso específico, estamos falando das cartas missivas que se encontram nos arquivos privados de escritores. Em momento algum perdem suas características: não deixaram de ser cartas, fixam um momento, transformando-se em documento, muitas vezes fonte substancial de pesquisa. (Vasconcellos, 2008).

Pode-se, portanto, considerar que a carta é um meio não estático de conversação distante através do texto envolvendo de forma íntima e inviolável o autor e o seu destinatário, podendo ainda envolver um terceiro.

A partilha da carta é nada mais que a vontade de estar próximo do outro nos debates, na doença, imiscuir-se e, às vezes, até mesmo estar presente fisicamente diante do seu amigo missivista.

De acordo com Santos (2009) a escrita de carta se dá como um exercício cultural produzido no íntimo dos espaços privados, no sigilo dos quartos. Dessa maneira o estudo de cartas tem em si a condição de transitar entre o público e o privado, o íntimo e o revelado.

Manuel Bandeira e Mário de Andrade, nos 22 anos de correspondência escreveram-se de formas múltiplas, a partir de suas necessidades, tais como cartas grandes ou até mesmo um pequeno bilhete como este: “Peço-lhe o favor de fazer chegar ao *Diário* esta

minha colaboração. Abraços do M.”

Mário há dias, na ignorância de que o *Diário Nacional* tinha suspenso publicação, mandei por seu intermédio uma crônica. Não registrei aliás. Você tê-la-á recebido? Caso sim, peço-lhe o favor de me devolvê-la, porque posso aproveitá-la para outro jornal ou revista. Estou enterrado até a cabeça no Proust. Desta vez embreei (era a terceira vez que investia). Nestes dias de incertezas espero que as suas inquietações não sejam demais. Mandei dizer ao menos se a saúde está firme. Grande abraço do Manu. (BANDEIRA in MORAES, 2000, p.464).

Manu, bom dia. Reli suas duas cartas últimas, pensando que tinha alguma coisa pra responder. Não tem mas a carta vai assim mesmo, mode recomeçar a vida de intimidade que os últimos e ilustres chinfrins brasileiros desencaminharam. Isto é: **pra não dizer mesmo que as cartas não carecem resposta**, sempre há o caso do Paulito e do *Diário*. (MÁRIO in MORAES, 2000, p.466).

A correspondência pode também ser considerada ativa ou passiva. A *correspondência ativa* é o conjunto das cartas, mensagens etc. que se opõem à correspondência passiva que é o conjunto das cartas, mensagens etc. que se recebeu de outros missivistas. (AULETE, 2011). No caso específico das cartas de Mário e Bandeira, é Moraes (2000) quem esclarece bem essa diferença:

A correspondência passiva recolhe diálogos de grande fôlego, como os que se ligam a Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade ou Prudente de Moraes, neto; espelha a recepção das ideias e a análise voltada para os jovens escritores, para os artistas plásticos e os músicos. Na ativa, composta, em sua maioria, por cópias de cartas, nota-se bem o desejo de Mário de Andrade de documentar determinadas situações, de “fazer a história”, para usar expressão sua. (Moraes, 2000, p.11)

Ainda segundo Moraes (2000) a correspondência ativa de Mário de Andrade contém 588 documentos e a correspondência passiva 7.070 documentos visto que Mário de Andrade fazia cópia de todas as cartas que enviava. Cabe dizer que Mário sempre respondia a todos que lhe escreviam, por mais simples que fosse a carta recebida. Sempre cabia uma palavra de retorno. Isso é perceptível nas cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira que sempre se escreviam mesmo quando não tinham muito o que dizer. Como diz Moraes (2000, p.11) eles são “correspondentes fecundos de substância humana”. Moraes afirma ainda:

O gênero epistolar é uma espécie de violão da leitura, define o crítico de forma sucinta, mas insólita. A carta aparece como o exercício que os iniciantes nas letras deveriam praticar antes de se aventurarem no delicado “piano” da criação literária. Para o crítico, a carta conserva, no despretenso papel e no silêncio sub-reptício da cumplicidade, “grande nobreza humana”, revelando-se o espaço ideal para os enlevos sentimentais e para a elaboração de pensamento Mário nobilita-lhe ainda mais o caráter: a carta “socializa, aproxima os indivíduos e cultiva a amizade”. Escrever cartas vale como um conselho aos novos ficcionistas, apressados divulgadores de obras imperfeitas. (MORAES, 2000 p. 16).

Como se pode perceber, o exercício da escrita de cartas é uma espécie de prévia do exercício da criação literária. No caminho entre o papel desprezioso da carta e as potencialidades presentes nesta escrita, reside, segundo Moraes, um importante espaço de elaboração tanto estética quanto de reflexões sobre a vida literária e a vida pessoal em suas interfaces.

Outrora Foucault (1992) fez referência à carta dizendo que é a criação incessante de quem a escreve apontando assim, uma variedade de olhares. É o modo de se arquitetar o destinatário projetando-o.

Dessa maneira Foucault deixa claro em suas palavras:

A escrita que ajuda o destinatário, arma o escritor – e eventualmente os terceiros que a leiam. Mas também acontece que o serviço de alma prestado pelo escritor ao seu correspondente lhe seja restituído sob a forma de “conselho equitativo”; à medida que progride, aquele que é orientado vai-se tornando cada vez mais capaz de, por seu turno, dar conselhos, exortar e consolar aquele que tomou a iniciativa de o auxiliar: o sentido único da direção não se mantém por muito tempo; ela serve de quadro a trocas que a levam a tornar-se mais igualitária. (FOUCAULT, 1992, p.149)

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face. (FOUCAULT, 1992, p.151)

Nem toda correspondência é necessariamente confessional. Entende-se, no entanto, que no caso da troca de cartas de Mário e Bandeira, há nelas um forte teor confessional. Em seu sentido inicial, confissão retrata a confidência ou segredo, a revelação de fatos íntimos da vida.

O texto epistolar proporciona ao autor e ao remetente, ou seja, aos missivistas uma prática diária em que relatam os acontecimentos e reflexões sobre as dores, as angústias, a enfermidade, as perdas, o isolamento, as fofocas, enfim, torna-se a escrita de uma investigação de si o que propicia ao outro um diagnóstico do seu dia a dia, de sua vida. É uma forma de se dar ao outro como a si mesmo, assim se vê como uma maneira de dar atenção ao outro para que seja também observado. Fixa o seu olhar no outro para assim se ver, forma de reforçar o que vivenciou no cotidiano. Logo a sua escritura fica imbuída de si. É só apreciar a seguinte carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade que conta de tudo numa só carta:

Acabo de receber seu bilhete e carta do Ribeiro Couto. Soube de sua operação por Germaninha e notícias posteriores pelo Luciano. Que diabo foi isso de supetão? O Joaquim Cardoso (cujo endereço é Rua da União 47, Recife) mandou-me três números da *Revista do Norte*, isto é, 3 exs. do 2º número, um deles destinado a você. Estupenda a carta do Couto. O final do seu estudo está mesmo mal redigido, pois também eu entendi no sentido que lhe deu o Couto. Devolverei a carta depois. Germana transferiu o concerto

para 15. A minha viagem ao Norte voltou à esfera das possibilidades. Será talvez para daqui a 15 dias. Será mesmo desta vez? Abraços do Manu. (BANDEIRA in MORAES, 2000, p.312).

Os missivistas são fiéis ao que escrevem tanto que ao manter essa correspondência com o tempo se tornam amigos, confidentes e íntimos, por se deixarem levar pela franqueza, crítica e, de certa forma a honestidade, pois o lado moral flui integralmente através da necessidade que se tem de se manterem inclinados ao outro, logo é uma forma de postular a amizade como fonte de prazer. É o que acontece com Manuel Bandeira em carta a Mario de Andrade:

Escrevi para o próximo nº da *Revista do Brasil* uma nota sobre o *Losango*, a pedido de Rodrigo de Melo Franco. Escrevi sem estudo e ao correr da pena. Quando vi que já estava na 7ª página parei e assinei... Germaninha foi operada no nariz ela está muito fagueira porque a voz melhorou, ficou mais clara... Ovalle escreveu nas costas de um programa uma carta pra você em resposta à sua. Escreveu a lápis e andou com aquele papelucho no bolso sem jeito de mandar pra você. Afinal anteontem me encontrou e me pediu que mandasse contar a você que lhe tinha respondido. Me leu uns pedaços da carta com uma dificuldade enorme porque aquilo já estava quase todo apagado. A súmula é que ele dizia coisas tão carinhosas “que parecia que ele era homem e você mulher ou o contrário – que você era homem e ele mulher”! “Mário – você – é perfeito – como o seio de uma mulher por quem eu chorei muito...” Coisas assim. O resto você imagina. M. (BANDEIRA in MORAES, 2000, p.312).

Trata-se, nesse caso, de uma partilha, conforme Lejeune referencia, de intimidade entre amigos. É algo que evidencia a transparência existente entre os missivistas.

Ajuda-se, também, a pensar na cartas como escrita confessional o que diz Vasconcellos (2008) ao destacar que quando se escreve uma carta ela tem um caráter confidencial, íntimo. Sendo assim, sabe-se que as informações registradas pelos missivistas marcam o espaço privado, o que na verdade não se pode infringir ou transgredir. Sendo de natureza privada, ganha, assim, dimensão de confissão por, inicialmente, a circulação do que ali se diz estar prevista para que não seja publicizado. Dessa maneira, a carta é em si de caráter pessoal.

A seguir temos mais uma confissão de Mário de Andrade a Manuel Bandeira:

Manu, você escreveu no sábado um artigo que me deixou absolutamente triste e não gostei nada! Está claro que o artigo é admirável e aliás o são quase todos os que está escrevendo ultimamente, mas não me interessam absolutamente estes elogios literários agora. O que me horrorizou foi a amargura que ressumbrava do artigo... Ciao e me responda qualquer coisa pra me acalmar as inquietações. (MÁRIO in MORAES, 2000, p.479).

Pode-se entender a partir da carta acima que Mário desabafa os seus sentimentos pessoais com Manuel Bandeira deixando claro a sua inquietação. Como ele mesmo diz, confessa a sua insatisfação diante das atitudes do seu destinatário. Essa passagem pode ser lida tal como sugere Vasconcellos (2008), ou seja, Mário de Andrade fala, por meio da

carta, tal como se estivesse próximo de Bandeira. Pede uma palavra imediata, ainda que saiba que esta só chegará depois de algum tempo.

Quando se fala de Confissão não há como não dar uma atenção especial ao modo de escrituração das cartas. Trata-se de um texto íntimo, no qual o remetente ao falar de si reflete sobre si e sobre o outro, seu destinatário. Reflete, também, sobre seu tempo e as condições que o conformam. Escrita de modo fluido, sem ser necessariamente texto acadêmico, podem trazer reflexões políticas, estéticas, filosóficas, pessoais, ou mesmo fofocas e informações pouco nobres. No caso da troca de cartas entre escritores, elas tornam-se relevantes porque trazem, além do conhecimento pessoal de cada escritor, um conhecimento relativo ao modernismo e aos seus manifestos. Tais conhecimentos vão surgindo de escritores e escritos e compõem aquilo que está chamando de escritura daquele tempo.

A escritura são as cartas que compõem os vários escritos dos missivistas que por si relatam suas ideias e experiências, inquietudes ou infortúnios. É o registro do conhecimento obtido ao longo da vida cotidiana dos correspondentes, tanto na vida pessoal como social, nos momentos históricos marcantes da época, comentários em suas correspondências que trarão aos poucos um documentário epistolográfico. Todo esse processo será discutido pelos missivistas. Sobre o que vive Mário de Andrade, Marcos Antônio de Moraes afirma:

A questão do gênero epistolar assombra Mário de Andrade, com frequência, nas próprias cartas. “Sofro de gigantismo epistolar”, confessa a Carlos Drummond de Andrade em missiva de 1924. Essa “epistolomania” fundamenta-se na intenção firme de “escrever cartas e não responder cartas”, fato significativo que projeta no escritor a consciência de que pode estar criando uma “obra involuntária”, **escritura à deriva no universo literário**. (MORAES, 2000, p.16).

Conforme refere Santos (2009) a escrita da carta, no próprio ato de escrever se manifesta como uma necessidade de vida, e se manifesta na forma da simplicidade da tarefa e da maneira natural e simples do ato em si. No caso de Mário, ele perde o controle das escrituras das cartas, pois escreve desatinadamente, como ele bem dizia “sofro de gigantismo epistolar”. Nesse gigantismo usa as cartas para tudo: para construir amizades, para realizar confissões, para transmitir conhecimento para os colegas.

Nesse processo, as escriturações das cartas de Mário oscilam entre o didatismo, a cerimônia, a confissão e a intimidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas entre esses dois autores se apresentam como escrita autobiográfica, que nelas há o registro do desenvolvimento da amizade, manifesto na linguagem cada vez mais íntima, e que, nelas há um trabalho de linguagem que vai além da escrita informal, o que significa dizer que a informalidade neste caso é criação estética.

Essas características das cartas trocadas entre Manuel Bandeira e Mário de Andrade merecem atenção dos interessados nos estudos de Literatura Brasileira e da vida literária no Brasil por levantarem a questão específica da linguagem utilizada pelos escritores na construção das missivas.

O enfoque pretendido nesta pesquisa ganha especial relevância porque as cartas serão estudadas dando importância ao aspecto das relações íntimas, a linguagem íntima utilizada pelos dois escritores, Mário de Andrade e Manuel Bandeira, nas Cartas trocadas entre eles. Linguagem esta que surge nas cartas e nelas prospera como estética da linguagem. Assim, esta pesquisa pretende se dedicar mais ao aspecto confessional e íntimo dessa estética da linguagem do que o que nela tem de inserção pública dos dois escritores.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?**. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Battella (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LAGUARDIA, Nádya de Lima; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. O diário íntimo como produto da cultura moderna. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, abr. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100004#end>. Acesso em: 01 jan. 2015.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MORAES, Marcos Antonio de. **Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 4, n. 2, p. 123-136, 1967. jun. 2009. Acesso em: 01 jun. 2013.

PINTO, Edith Pimentel. **A Gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto**. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

SANTOS, Vivian Carla Calixto dos. **Cartas, escrita e linguagem: a temporalidade em questão**. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. As marcas da escrita. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 1, n. 7, p. 295-296, 1997.

VASCONCELLOS, Eliane. **Intimidade das confidências**. Teresa. Revista de Literatura Brasileira. v.8/9; São Paulo, p. 372-389. 2008. Revista. Disponível docvirt.com/docreader.net/WebIndex/WIPagina/RevistaTeresaUSP/2243. Acesso em nov. /2012.

VASCONCELLOS, Eliane. **Carta missiva. Remate de Males**, Campinas, n.18, p. 61-70, 1998. Revista Disponível em: <revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/download/3115/4800> Acesso em mar / 2014

A

A Fábrica 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 85

B

Bakhtin 53, 58, 59, 60, 63

C

Correspondência 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 51, 63

Currículo escolar 112

D

Discurso Norte-Americano 64, 66

Dramaturgia 55, 56, 57, 62, 63, 70, 72, 73, 74, 84

E

Educação de jovens e adultos 100, 101, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 123

Efeitos de verdade 64, 65

Ensino de inglês 112, 119, 120, 121, 122

Enunciados 66, 86, 87, 91, 92, 93, 95, 96, 97

Escola pública rural 112, 122

Estados de violência 64, 67, 69

Estética da linguagem 1, 3, 5, 11

Estética Teatral 70

F

Fatos históricos 61, 80, 100, 102, 103, 104

Formação docente 113, 118, 129

I

Interpretação 5, 12, 14, 15, 16, 30, 33, 38, 40, 45, 49, 50, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 105, 110

L

Libras 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Língua inglesa 112, 114, 118, 119

Literatura 3, 5, 11, 13, 20, 21, 30, 33, 41, 43, 44, 61, 63, 70, 71, 72, 83, 84, 90, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 129

M

Manuel Bandeira 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 20, 21

Mário de Andrade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 21, 53, 57

Melodrama 53, 54, 55, 59, 62, 63

Modernismo 3, 10, 53, 55, 56, 57

P

Palavras 1, 3, 8, 12, 16, 18, 23, 25, 27, 28, 34, 46, 47, 49, 53, 64, 68, 70, 72, 82, 83, 84, 87, 92, 93, 96, 100, 110, 112

Português 86, 87, 89, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 116, 118, 120, 125

Primeiras estórias 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

R

Relações 1, 11, 12, 13, 15, 17, 27, 59, 60, 63, 64, 66, 68, 70, 72, 74, 76, 81, 83, 88, 93, 96, 103, 108, 109, 115, 127

Romero Nepomuceno 70, 71, 72, 77

S

Sentidos 34, 86, 87, 94, 96, 97, 101, 117

T




Tarsila 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Teatro 3, 20, 21, 26, 53, 55, 56, 63, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 84, 85

Tradução 12, 13, 14, 24, 33, 49, 50, 63, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 110



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 4

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br